

# A IDADE DO BRONZE EM PORTUGAL

*discursos de poder*

Secretaria de Estado da Cultura  
Instituto Português de Museus  
Museu Nacional de Arqueologia



# A IDADE DO BRONZE EM PORTUGAL

*discursos de poder*

## Exposição

*Comissariado Científico*  
Susana Oliveira Jorge

*Comissariado Executivo*  
Francisco Alves, Director do Museu  
Nacional de Arqueologia do Dr. Leite de Vasconcelos  
Isabel Silva, Directora do Museu Regional de  
Arqueologia D. Diogo de Sousa  
Rui Parreira, Direcção Regional de Évora do Instituto Português  
do Património Arquitectónico e Arqueológico  
Virgílio Hipólito Correia, Museu Monográfico  
de Conímbriga

*Assessoria Técnica*  
Museu Nacional de Arqueologia do Dr. Leite de Vasconcelos  
Museu Monográfico de Conímbriga  
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa  
Instituto Português de Museus:  
Ana de Castro Henriques  
Manuel Beirão Oleiro  
Maria de Jesus Monge  
Fernando Mota Carneiro  
Constança Calado

*Arquitectura*  
João Vieira Caldas  
Carlos Severo

*Maquetes*  
ARESTA, Design Serigrafia

*Montagem*  
Coordenação  
Maria José Albuquerque

Luís Filipe Antunes  
Margarida Cunha  
Rui Pedro  
Helder de Sousa  
Maria Luísa Sousa

*Luminotecnia*  
Rui Silva Santos

*Empreitada*  
Armando Fernandes,  
Construção Civil, Lda.

*Inventário e Gestão de Coleções*  
Coordenação  
Maria José Albuquerque

Luís Filipe Antunes  
Margarida Cunha  
Rui Pedro  
Maria Luísa Sousa

*Restauro e Limpeza de Peças*  
Museu Regional de  
Arqueologia D. Diogo de Sousa  
Museu Monográfico de Conímbriga

*Departamento de Arqueologia do IPPAR*  
Moisés Costa Campos  
Margarida Santos  
Maria Antónia Gonzalez Tinturé

## Catálogo

*Coordenação de Texto*  
Isabel Silva

*Textos*  
Barbara Armbruster  
José Morais Arnaud  
Ana Margarida Arruda  
António Martinho Baptista  
Ana Maria S. Bettencourt  
João Luís Cardoso  
Domingos J. Cruz  
Ana Maria Leite da Cunha  
Teresa Judice Gamito  
Mário Varela Gomes  
Susana Oliveira Jorge  
Vitor Oliveira Jorge  
Philine Kalb  
Michael Kunst  
Miguel Lago  
Jorge Oliveira  
Rui Parreira  
Maria de Jesus Sanches  
Paula Mota Santos  
João Carlos Senna-Martinez  
António Manuel S. P. Silva  
Carlos Tavares da Silva  
Eduardo Jorge Lopes da Silva  
Fernando A. Pereira da Silva  
Joaquina Soares  
António C. Valera  
Raquel Vilaça

*Fotografia*  
Arquivo Nacional de Fotografia

Coordenação  
Vitória Mesquita  
José Pessoa

Colaboração  
Emília Tavares  
Alexandra Ribeiro

*Fotógrafo*  
José Pessoa

Assistido por  
Luísa Oliveira  
Sofia Ferrão  
Luís Piorro  
Alexandra Pessoa  
Sofia Torrado  
Alexandra Ribeiro  
Élia Marques

*Desenho*  
Artur Santos Leite  
Vitor Oliveira Jorge

*Coordenação de Edição*  
Isabel Cordeiro  
Isabel Silva  
Maria Amélia Fernandes

*Design Gráfico*  
Luís Carrôlo

Colaboração  
Cristina Pacheco

*Pré-impresão*  
Dimencor

*Impresão*  
Tipografia Peres

© Instituto Português de Museus  
Museu Nacional de Arqueologia

1ª Edição, 1995, 1000 exemplares

ISBN-972-8137-19-2

Depósito Legal nº 87.228/95

## O Povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda

Entre as numerosas ocorrências de carácter habitacional (pequenos povoados ou “casais agrícolas”) do Bronze Final conhecidas para a região de Lisboa, avulta a da Tapada da Ajuda (CARDOSO et al., 1980/81; CARDOSO et al., 1986; CARDOSO, 1987; CARDOSO, 1990; CARDOSO & CARREIRA, 1993; CARDOSO, 1994a, b). Trata-se, de facto, do único arqueossítio desta época e região cuja escavação permitiu obter um importante conjunto de elementos relativos à fauna, à flora, à metalurgia, às indústrias lítica e cerâmica, e mesmo quanto à tipologia das estruturas habitacionais e à própria organização do espaço habitado.

Em Julho de 1982, a realização de extenso talude de escavação para a construção de um campo de rãguebi, conduziu à descoberta desta jazida, denunciada pela existência, no corte do terreno então exposto, de uma única camada arqueológica, com abundantes restos de materiais líticos e cerâmicos, além de ossos e conchas. Tal facto justificava uma intervenção de emergência, a qual, iniciando-se no ano seguinte, se viria a prolongar até 1987, altura em que se reiniciaram as obras, entretanto suspensas por outros motivos.

A prospecção superficial evidenciou uma acentuada dispersão de materiais; porém, boa parte da primitiva área ocupada pela jazida tinha sido prejudicada pelas movimentações de terras. Desta forma, a escolha do local da escavação, no canto noroeste do campo de rãguebi, embora condicionada por tais vicissitudes, permitiu a identificação de uma estrutura habitacional e a respectiva caracterização estratigráfica.

A implantação deste povoado aberto, é a usualmente verificada nos numerosos arqueossítios homólogos da baixa península de Lisboa. Trata-se de encosta suave, de boa exposição meridional, voltada para o estuário do Tejo, na época mais próximo, que se avista do local, percorrida por linha de água que nele dasaguava, e constituída por férteis solos basálticos, até há pouco intensamente agricultados, não fosse a brusca expansão demográfica em torno da capital, observada nos últimos 30 anos. Estas condições justificaram a fixação sedentária de população pacífica, ocupada no cultivo extensivo e intensivo da terra - como demonstram as centenas de elementos denticulados de foice recolhidos, sobre lascas de sílex - cuja produção cerealífera abasteceria, provavelmente, um centro de carácter proto-urbano, de maiores dimensões, ainda não identificado, como é sugerido

pela nítida desproporção entre tais materiais relativamente à expressão demográfica provável do arqueossítio. Os seus habitantes complementavam as bases alimentares com a produção de gado - por ordem de importância, bovinos, ovinos/caprinos e suínos - e com a recolheção de moluscos e a pesca, no estuário.

As espécies malacológicas encontradas revelam exploração indiferenciada de largo trecho litoral, desde as praias arenosas, influenciadas pela presença oceânica, a jusante, até às águas vasosas estuarinas, passando por sectores rochosos, explorados na maré baixa. Deste contexto, a caça encontra-se praticamente ausente, pois apenas se identificou o veado, correspondendo a um número muito escasso de restos.

As indicações obtidas sobre o coberto florístico são também interessantes. Além de impressão da página superior de zambujeiro em fragmento cerâmico, que faz parte da flora autóctone da região, as análises antracológica e a polínica, efectuadas por João Pais, conduziram à identificação de fragmentos de madeira carbonizada de *Pinus* sp.; entre os escasos palinómorfs, reconheceram-se restos de *Fungi*, *Compositae*, *Graminae* e *Quercus*, e ainda de quistos, de natureza enigmática, de *Concentricystes circulus* (WOLFF, 1939), comuns em depósitos actuais com influência fluvial, como é o caso. Apesar de escasos, os elementos disponíveis parecem sugerir vegetação aberta, com árvores esparsas, com *Pinus*, *Quercus* e *Olea*.

Duas peças metálicas que foram analisadas, além de revelarem a metalurgia local (uma trata-se de escória de fundição), correspondem a bronzes de composição análoga à de exemplares coevos do Noroeste e da Beira Alta, com teores de estanho superiores a 20% (FABIÃO, 1992, p. 104). Nas cerâmicas, predominam as pastas semi-compactas, grosseiras, denunciando grande variabilidade de ambientes de cozedura, desde os francamente reductores, mais abundantes, correspondendo a colorações anegradas, até aos oxidantes. Os acabamentos superficiais são, porém, no geral cuidados, possuindo por vezes brunimento. Apenas os recipientes de menores dimensões são constituídos pastas mais finas, embora igualmente de fabrico local (presença de piroxenas, entre os elementos não plásticos). As formas presentes vão desde os grandes contentores (vasos de proviões), munidos de características pegas alongadas no bojo, até aos pequenos recipientes de beber, as não menos típicas taças carenadas. As decorações são muito simples, correspondendo, quase exclusivamen-

te, a incisões ou impressões sobre ou sob o bordo, de recipientes de paredes sub-verticais.

Deste contexto encontra-se ausente a bem conhecida decoração de “ornatos brunidos” a qual se identifica com os derradeiros momentos do Bronze Final (ver o artigo de síntese “Povoados do Bronze Final a Norte do estuário do Tejo”). Este facto é consentâneo com as cinco datações radiocarbónicas obtidas, inscrevendo a jazida, com maior probabilidade, no século XIII cal. a. C., por conseguinte em fase precoce do Bronze Final.

A única estrutura habitacional escavada corresponde a uma cabana oval, cuja paredes se encontravam definidas por blocos basálticos não aparelhados, de cobertura de colmo, com cerca de 6 m de eixo maior; a entrada orientava-se para Sul, ao abrigo dos ventos dominantes. Tal orientação encontrava-se sublinhada pela concentração de detritos alimentares, ali observados, indicando que os despejos se efectuariam no espaço imediatamente adjacente. Obtiveram-se, deste modo, interessantes indicações acerca da organização do espaço habitado no seio de uma unidade habitacional, das diversas que deveriam distribuir-se por toda a encosta, até à linha de água que a sulca, numa área de cerca de 200 por 100 m entre os 100 e os 115 m de altitude. Caso a destruição de toda aquela área se não tivesse consumado - incluindo a própria unidade habitacional escavada, antes da conclusão dos trabalhos de campo - teríamos, talvez, no presente, em plena área urbana da cidade de Lisboa, um dos mais expressivos testemunhos do Bronze Final, até hoje identificados em Portugal.

CARDOSO, J. L.

### 38 Povoado da Tapada da Ajuda Elementos denticulados de foice

Bronze Final  
Objecto utilitário  
Povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa  
Foice em madeira (reconstituída)

Foice de madeira, integrando elementos denticulados, sobre lascas de sílex, alguns com o gume embutado pelo uso e com brilho (lustre de cereal).

### Brunidor-alisador

Bronze Final  
Objecto utilitário  
Povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa  
Seixo de quartzito

Seixo rolado de quartzito esbranquiçado, achatado, desgastado ao longo de dois bordos maiores, convergentes, devido à aplicação como brunidor-alisador da superfície de recipientes cerâmicos.

68 x 35 x 12 mm

### Fragmento de cerâmica

Bronze Final  
Objecto utilitário  
Povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa  
Cerâmica

Fragmento de grande vaso em forma de tonel, de fundo provavelmente plano, munido de asas sobre o bordo, que é simples. A função deste recipiente é incerta. Menor do que os vasos de armazenamento, poderia corresponder-lhe um uso culinário.

d. boca 180 mm

### Fragmento de cerâmica

Bronze Final  
Objecto utilitário  
Povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa  
Cerâmica

Fragmento de grande vaso de armazenamento ("vaso de provisões"), correspondendo a uma pega com perfuração cilíndrica vertical

100 x 75 mm

Bibl.: Cardoso et al. (1980, 1981); Cardoso et al. (1986); Cardoso (1987, 1994 a, b)  
Centro de Estudos Arqueológicos, Câmara Municipal de Oeiras.  
Monjardino, J. R. I.  
Cardoso, J. L.

### 39 Castro de Álvora Molde

Bronze Final  
Objecto utilitário  
Castro de Álvora, Arcos de Valdevez, Viana do Castelo  
Granito

Molde de granito de uma foice de talão de tipo Rocanes. Encontrava-se inserido na muralha da acrópole do Castro de Álvora.

d. 146 x 175 mm

Bibl.: Bettencourt, A., 1988  
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa  
Bettencourt, A.

### 40 Casal de Rocanes Molde de lâmina de foice

Bronze Final  
Objecto utilitário  
Casal de Rocanes, Sintra, Lisboa  
Arenito

Molde de foice de tipo Rocanes em arenito, de cor vermelha-alaranjada rosada robefactada.

205 x 150 x 70 mm

Museu Nacional de Arqueologia

